

COMUNIDADES VIRTUAIS E INTELIGÊNCIA COLETIVA

Vladimir Soler Ribeiro*

Dirceu Evangelista da Silva Pereira.**

RESUMO

No ciberespaço, comunidades são formadas e fortalecidas pela colaboração mútua, compartilhamento e produção de conhecimento. Esse espaço virtual deu origem a interações sociais que moldaram a cibercultura. O artigo tratará das comunidades virtuais, meios populares de interação na atualidade, que se tornaram fonte de inteligência coletiva, expressão cunhada por vários estudiosos do fenômeno.

Palavras-chave: Comunidades virtuais, inteligência coletiva, ciberespaço, cibercultura

* Graduando Engenharia Mecânica

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: vladimirsoler@hotmail.com

** Graduando Engenharia Mecânica

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: dirceu.evangelista@vmtubes.com.br

A expressão "inteligência coletiva", de Pierre Lèvy, refere-se à capacidade que usuários de comunidades virtuais têm de compartilhar conhecimentos e especializar seus membros. Na medida em que quem alguns detêm maior conhecimento sobre determinado assunto, transmitem-no aos outros membros, e estes podem completar as informações recebidas com seu conhecimento individual do tema.

Neste artigo, busca-se discutir e analisar a maneira como as comunidades virtuais destacam-se como fonte de conhecimento e inteligência coletiva, abordando o contexto na qual elas estão inseridas. Para isso, pesquisaram-se obras de autores como Henry Jenkins, Piérre Levy e André Lemos, importantes representantes no estudo dos temas discutidos neste trabalho.

A “incompletude” é característica marcante das novas mídias. Nas comunidades virtuais, questões relativas a dúvidas e reflexões sobre um determinado assunto, torna este objeto uma obra aberta, disponível para discussão, complementação e correção crítica. Cada usuário pode realizar infinitas leituras de um mesmo assunto de interesse.

No ambiente virtual, a liberdade, a rapidez e a possibilidade de assincronia na troca e atualização de informações, possibilita a produção de conhecimento e a colaboração mútua. Sem dependência material, o conteúdo de uma comunidade virtual pode ser lido, traduzido e difundido simultaneamente em qualquer lugar do mundo.

Dessa forma, o ciberespaço proporciona o surgimento desses ambientes socioculturais a que chamamos comunidades virtuais. Nessas comunidades, usuários têm sua própria identidade virtual e criam laços e vínculos sociais com os demais usuários da rede. No limiar entre o real e o virtual, a sociedade manifesta sua cultura e constrói a cibercultura. Sua participação em comunidades virtuais torna-se mais representativa, talvez mais do que seu papel em suas comunidades no “mundo real”.

Através dessa participação ativa no mundo virtual, o desenvolvimento de conhecimento torna-se conseqüência de uma cultura de colaboração e liberdade criativa. Percebem-se comunidades se autodenominarem e crescerem pelo mundo, como é o caso da Comunidade Linux. Essa comunidade não é necessariamente disposta em um único lugar da rede, mas está espalhada por ela, com criações de várias “subcomunidades”

com o mesmo objetivo: divulgar, colaborar e refletir, sobre o abrangente tema “Linux” e Software Livre.

Ao mesmo tempo em que cibercultura leva ao excesso informacional e à consequente desinformação, faz das comunidades formas democráticas de propagação de conhecimento. Em última análise, o potencial democrático das comunidades virtuais é também uma forma de diminuir-se as desigualdades sociais, posto serem fonte de poder do indivíduo.

As comunidades virtuais caracterizam-se pela cultura da colaboração. Em seu livro *Cultura da Convergência*, Henry Jenkins aborda a forma como a cultura de fãs – cultura produzida por fãs, como a do longa-metragem *Guerra nas Estrelas*, por exemplo, formada à parte das mídias tradicionais – tornou-se representante dessa vontade de participação. “Os efeitos políticos dessas comunidades de fãs surgem não apenas da produção e circulação de novas ideias (a leitura crítica de textos favoritos), mas também pelo acesso a novas estruturas sociais (inteligência coletiva) e novos modelos de produção cultural (cultura participativa)”, (JENKINS, 2008, pg. 329).

Assim, conclui-se que as comunidades virtuais são fonte de aprendizado, e ainda que este seja desenvolvido por meio da educação informal, é permeado pela troca e pela contribuição. Compostas por conhecimentos distribuídos, compartilhados e coletivos, elas são importantes ferramentas de interação social e de inteligência coletiva.

REFERÊNCIAS

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Tradução Suzanna Alexandria. – 2. Ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

WHERTEIN, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro. J. Zahar. Ed. 2001.